

Jogo de Carta

OS BASTIDORES DO **JORNAL DA REPÚBLICA**

M E M O R I A L

PROJETO EXPERIMENTAL Nº 45

Categoria Livro-Reportagem

Jonas Gonçalves

4º JO D

2005

Orientador: Professor Celso Dario Unzelte

Memórias de um aspirante

O livro-reportagem *Jogo de Carta – Os Bastidores do Jornal da República* começou como uma vaga idéia de pesquisa sobre a vida do jornalista Mino Carta. No final de 2003, decidi que iria escrever um livro individualmente. Conheci outros Projetos Experimentais feitos dessa forma, como *A Casa do Delírio* (2000), de Douglas Tavolaro, que foram realizados com enorme sacrifício, mas proporcionaram aos seus autores um retorno gratificante.

No início de 2004, entrei no terceiro ano do curso decidido a escrever algo sobre Mino Carta. Sou leitor da revista *CartaCapital* desde 2001. Escolhi a publicação como revista semanal de informação e, desde então, tenho sido leitor assíduo dos textos do criador de *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde*, *Veja* e de outras publicações.

Uma trajetória admirável, porém não isenta de tropeços, erros e fracassos. Havia um “patinho feio”: o *Jornal da República*. No livro *Notícias do Planalto – A imprensa e Fernando Collor* (1999), de Mario Sergio Conti, o jornal ocupa cerca de uma página. Uma história breve, porém interessante. Nomes consagrados faziam parte da relação de profissionais que ali trabalharam. Fui em frente. Precisava exercitar o que alguns chamam de “faro jornalístico”. A meu ver, para os jornalistas isso é um “instinto de sobrevivência”. Se um repórter não procura e transmite informações, ele não existe.

O que foi o *Jornal da República*? Um mero erro estratégico? Uma loucura de Mino Carta? Aliás, como era esse jornal fisicamente? No período em que ele existiu, de agosto de 1979 a janeiro de 1980, eu nem sequer havia nascido (sou de 1982). Ou seja, parecia que a pesquisa seria longa e difícil. De fato, não existem muitas informações sobre o diário na Internet. Depois de 25 anos, apenas alguns dados, espalhados por inúmeros trechos de entrevistas e de estudos sobre jornalismo podem ser encontrados.

Ao me deparar com tal escassez de informações, percebi que não teria vida fácil. Ainda mais por ter decidido fazer o trabalho sozinho. Li ótimos livros-reportagem escritos em duas, três ou quatro pessoas, como *Nada mais que a verdade – A extraordinária história do jornal Notícias Populares* (que acabou sendo um dos livros da bibliografia do meu Projeto Experimental). Infelizmente, temia que o *Jornal da República* não fosse tão atrativo para outras pessoas como é para mim. Não acho que cometi um erro pensando assim. Posso ter me enganado quanto à possibilidade de interesse, mas não quanto às dificuldades de se formar um grupo.

Todo o processo de apresentação e elaboração dos Projetos Experimentais já é apresentado aos alunos no 3º ano. Isso me estimulou a desenvolver cada vez mais a idéia. Pesquisei o que eu pude sobre o jornal e tomei a iniciativa de falar com pessoas mais experientes que pudessem se lembrar do jornal. Obtive sucesso, já que tive alguns subsídios a mais para ter certeza de que não era impossível seguir a trilha do *Jornal da República*.

Ao entregar voluntariamente o pré-projeto para avaliação, já no segundo semestre de 2004, o professor Welington Andrade me revelou a existência de um Projeto Experimental de 2000, uma monografia sobre o *Jornal da República*. As alunas Candice Quinelato Baptista, Fernanda Helena Costa Kanawati e Viviane Akemi Uemura fizeram *Românticos e Otimistas – A aventura do Jornal da República*. Fiquei receoso. Precisava conhecer a fundo este trabalho para poder fazer algo diferente. Claro que existem várias formas de se abordar um mesmo tema. Além disso, o livro delas se tornou uma das fontes de informação mais importantes que tive. Assim como outro trabalho sobre o jornal, escrito em 1988 como tese de mestrado em jornalismo pela USP. A autora, Vera Lúcia Rodrigues, foi a pioneira, tendo inclusive entrevistado os personagens, como Mino Carta e Armando Salem, logo depois do fechamento do jornal, em 1980. Mas este trabalho seria muito mais do que uma simples fonte.

O projeto começou a existir, *de facto*, a partir de agosto de 2004. No dia 10 daquele mês, visitei a Editora Três, pertencente a Domingo Alzugaray, o sócio de Mino Carta na empreitada que lançou não apenas o *Jornal da República*, em 1979, mas também a revista *IstoÉ*, em 1976. Lá estão arquivados vários exemplares do jornal. Nas duas visitas que realizei, as edições ali guardadas são dos primeiros dois meses de existência do jornal. Coincide com o momento enquanto Domingo Alzugaray era sócio de Mino Carta. Depois de um breve período, Alzugaray rompeu a parceria, temendo a bancarrota. O jornal só dava prejuízos. Segundo o responsável pelo arquivo da Editora Três, Dilico Covizzi, que trabalhou no jornal e na *IstoÉ* naquela época no mesmo setor, o jornal foi fruto de um “acesso de vaidade” de Mino Carta. Mais um ponto de vista. Mais um indício de que eu precisava ir mais a fundo. O *JR* não era o que parecia em princípio.

No dia 27 de agosto de 2004, exatamente 25 anos depois do lançamento do *Jornal da República*, foi realizado no Conjunto Nacional, em São Paulo, o lançamento em livro da tese supracitada de Vera Lúcia Rodrigues: *Dependência ou morte – A questão da independência na imprensa: o caso República*. O evento teve divulgação na Cásper Líbero por meio de *flyers* que imitavam a diagramação do jornal. Era imperdível. Mas esperava encontrar ali apenas a autora. Compraria o livro, conversaria com ela e ficaria contente apenas em ver algumas reproduções de primeiras páginas do jornal expostas ali no Conjunto Nacional. Entretanto, fui surpreendido. Além de Dilico Covizzi, encontrei e conheci naquela noite Nirlando Beirão, Ricardo Kotscho, Armando Salem, Tão Gomes Pinto e Mino Carta. Fui apresentado a todos por Dilico e tive uma resposta positiva quando revelei a minha intenção de escrever um livro sobre o jornal como um trabalho de conclusão do curso de jornalismo. Peguei informações sobre eles e, informalmente, falei com todos sobre o jornal. Cada um expôs o próprio ponto de vista,

formando uma miscelânea de teorias sobre os motivos que levaram à empreitada e também sobre as razões que levariam a publicação ao fim. Contudo, o fato de haver um livro e um trabalho de faculdade sobre o jornal impediu que ele fosse esquecido. Quis contribuir para esse esforço. Recuperar a história do jornalismo brasileiro, a meu ver, é algo imprescindível para que a profissão se consolide cada vez mais na sociedade.

Dois dias antes do evento, no dia 25 de agosto, comecei a manter um blog na Internet (<http://jogodecarta.blogspot.com>). Desde então, tenho atualizado a página sempre que é possível. Afinal, nem sempre houve tempo para relatar como o projeto estava sendo desenvolvido. Mesmo assim, comecei a ter leitores fiéis. Poucos, mas decisivos para que eu tivesse a certeza da importância do trabalho. O nome *Jogo de Carta* foi uma brincadeira que achei ter inventado. Colocaria Mino como o estrategista da história, que articulou uma poderosa equipe no aspecto técnico (talvez a mais brilhante já reunida em uma redação) e apostou alto para fazer um sonhado jornal diário. Entretanto, a realidade do mercado foi impiedosa e acabou com as suas pretensões. Um desfecho cruel para uma iniciativa voluntariosa e corajosa de todos os que estiveram envolvidos.

Algum tempo depois, acabei fazendo uma reportagem para o site de Jornalismo da Cásper Líbero sobre o *Jornal da República*. Foi um treinamento importante, um ensaio para o que ainda faria.

Ao entrevistar personagens como Humberto Werneck, Marcos Fonseca, Nirlando Beirão, Mino Carta e Armando Salem, tive a certeza de estar trilhando um caminho ímpar do jornalismo: o da investigação profunda sobre a participação humana em um momento histórico. O ano de 1979 representa uma profunda mudança no Brasil e no mundo. Figueiredo assumiu a Presidência da República, o regime militar começou a dar claros sinais de esgotamento, foi decretada a Anistia após um longo processo, saiu a reforma partidária que

desfragmentou os gigantes Arena e MDB, aconteceu o segundo "choque do petróleo". Excelentes histórias. Era tudo o que eu precisava para escrever um trabalho que tivesse alguma relevância.

Focalizei os bastidores do jornal e fui em frente. Tentei desvendar fatos que, em cada depoimento dado anteriormente sobre o jornal, se tornavam confusos e dúbios. Não entendia o porquê do *República* ter sido evitado por potenciais anunciantes. Descobri que ele não era um produto mercadologicamente viável. Era feio, mal-impreso e não repercutia. Era "anêmico", como vários dos entrevistados me relataram. Esta foi uma das vantagens de não ter me restringido à alta cúpula do jornal. Realizei vinte entrevistas. Foram horas de fitas gravadas, vários e-mails trocados, telefonemas longos e noites a fio para transportar tudo isso para o computador. Escrevi, apurei, digravei e editei. Tive a importantíssima e imprescindível orientação do professor Celso Unzelte. Mais que professor, amigo e colega de profissão, como coloquei nos agradecimentos finais do livro. Seu senso de organização, comprometimento e envolvimento com o trabalho, seus incentivos e suas recomendações me deram o norte necessário.

Ao entregar uma parte do trabalho, que equivaleu à primeira do livro, para uma pré-qualificação no meio de 2005, vivia a correria do quarto ano. Consegui a aprovação, mas com ressalvas. A professora Rosangela Petta fez apontamentos decisivos para que eu fizesse mudanças no segundo semestre. Os pontos-chave se encaixaram e criei uma narrativa mais consistente e embasada. O trabalho continuava, de segunda a segunda, sempre que era possível. Tirei alguns dias para descansar e fazer outras atividades. Trabalhei durante todo o período de elaboração do trabalho. O que vou guardar para sempre é a corrida contra o relógio. Entrego neste dia 21 de outubro com a certeza do dever cumprido.

Eu venci o relógio. E posso dormir tranqüilo, com a máxima que todo o jornalista tem o prazer de declarar: "Eu consegui".